



## TRIBUNA FEDERATIVA

Caros companheiros e amigos naturistas

Pese embora todos os avanços de cidadania e cultura verificados em Portugal, nomeadamente no pós-25 de Abril, o Naturismo, na sua vertente socialmente mais “controversa”, visível através da prática da nudez em lugares públicos, permanece, apesar de uma Lei dedicada, como o elo mais ténue do Direito e da Liberdade com que a “Revolução dos Cravos”, pacífica e tolerante, e a subsequente normalização democrática, consubstanciada na Constituição da República Portuguesa, proporcionaram ao país e aos seus cidadãos, mas não à sua mentalidade.

Os episódios vividos, neste Verão, na Praia da Estela, no concelho de Póvoa de Varzim, com a intervenção de “milícias populares” actuando em nome dos “bons costumes”, vieram “pôr a nu”, a fragilidade duma mudança de regime político desacompanhada de uma indispensável mudança cultural, ao trazerem ao de cima, a faceta mais conservadora, retrógrada e preconceituosa que, apanágio da ditadura, sobrevive na sociedade portuguesa, apesar de inserida num espaço europeu socio-culturalmente evoluído.

Num país em que, felizmente, os direitos cívicos tiveram conquistas importantes, abrangendo, inclusivamente, algumas minorias de expressão social e cultural diversas, os naturistas portugueses continuam a conviver com episódios de marginalização e discriminação e, pasme-se, mesmo de ameaça física e de ofensa verbal, contrariando direitos e garantias universalmente reconhecidos e constitucionalmente consagrados, para não falar das mais elementares regras de civismo e mútuo respeito.

Reconhece-se, também, neste quadro, aquilo que constituiu a rescisão unilateral e abrupta do protocolo de colaboração com o SPA do Hotel Villa Rica e a FPN, fruto da imposição da administração daquela unidade hoteleira que padece da mesma doença mesquinha do subdesenvolvimento intelectual e que não parece isolada, dada a dificuldade em encontrar alternativas no âmbito do sector empresarial privado.

Nos casos em que se envolvem agentes políticos mandatados pelo povo, serão suficientes as diferenças político-partidárias para as justificar? Talvez sim, mas não tanto.

Apesar de já termos entrado no Século XXI, e inseridos num espaço europeu socio-culturalmente evoluído, os agentes políticos têm sido pouco dinâmicos em apostar numa educação para o progresso psico-social. O país encontra-se num estado de “atraso”, que já se tornou crónico,

e que abrange todos os aspectos: culturais, sociais e económicos, com as nefastas consequências na vida individual e colectiva da comunidade portuguesa.

Persiste, em todos os sectores, uma mentalidade egoísta e egocêntrica, intelectualmente mesquinha, preconceituosa e fundamentada em considerações subjectivas, com o beneplácido dos principais agentes políticos e sócio-culturais, que são incapazes de ousarem desafiar o “*status quo*”, com medo das consequências eleitorais de um “povo” tendencialmente conservador, mesmo quando vota à “esquerda”, como se convencionou chamar àqueles que, apesar de tudo, aparentam ser mais “progressistas” e “*open mind*”, ainda que só, bastas vezes, de forma aparente, como se verificou no caso de Santiago do Cacém.

De facto, em Portugal, limpam-se as ervas, mas não se arrancou a raiz de “*todos os males*” – a da ignorância e do preconceito.

Serão as diferenças regionais a justificar essa atitude? Talvez sim, mas nem tanto.

Apesar de “sentirmos” que no norte a aceitação do naturismo se torna mais difícil, num país que, tradicionalmente, se “divide”, mais ou menos em dois, quando se fala de futebol, política ou até de economia, não se julgue isso como um dado adquirido, porquanto, tivemos experiências negativas tão a sul, como no cosmopolita e “liberal” Algarve, p.e., no caso de Vila do Bispo.

No caso da Estela, no norte, cuja identidade cultural, com a vizinha Galiza, tão apregoada tem sido, levam-nos a perguntar, onde está de facto a (grande) diferença, porquanto, naquela região espanhola, existem um conjunto de praias naturistas oficiais e toleradas e não nos consta a existência, neste século, de idênticas atitudes por parte de alguns populares e eleitos locais ou municipais como por cá acontece.

Serão então diferenças religiosas? Quem sabe? Diferenças de fé não creio!

Será que existe alguma diferença de religião entre o “santuário” de Santiago de Compostela e a Sé de Braga? Desconheço-as.

Contudo, deve a fé dos cristãos tornar-se subserviente aos “*desígnios*” de alguns agentes da Igreja (e de uma religião), cuja “autoridade moral” é todos os dias posta em causa pelo conhecimento de situações lamentáveis em vários pontos do mundo?

Serão os naturistas, com o seu estilo de vida, mais indecorosos e imorais do que aqueles que usando o “nome” de Deus, vêm cometendo, ao longo de séculos, e ainda hoje, grandes atrocidades à dignidade humana e que permanecem “castrando” a criação última da Entidade que dizem “representar” e que bíblicamente nos fez à sua imagem e semelhança?

Será que não se recordam que o seu “profeta” João Baptista baptisava os cristãos no estado de nudez, sendo ela representativa da “purificação” do “pecado”?

Será que não se recordam do exemplo de S. Francisco, que se despiu e caminhou nu, manifestando a sua humanidade e humildade?

Será que, mais recentemente, do Papa João Paulo II, o mais mediático, "atractivo" e universalmente influente, ignoram as sábias palavras em que afirmou que *"O decoro sexual não pode, de nenhuma forma, ser associado ao uso de vestuário, nem a vergonha com a ausência de roupa, a total ou parcial nudez..."* e que, *"A nudez, enquanto tal, não deve ser equiparada ao descaramento físico. A falta de decoro existe, apenas, quando a nudez desempenha um papel negativo no que respeita ao valor da pessoa, quando o seu papel é o de resultar em apetite sexual, no qual a pessoa é colocada na posição de mero objecto de prazer."*?

O que será então o que os incomoda na nudez? Por que pretendem impedir a nudez naturista, consentindo, por outro lado, uma janela sempre entreaberta para as manifestações sexistas, com a exposição de pornografia de representação humilhante, em particular para a mulher, e cuja visibilidade ostensiva é disseminada e acessível, mesmo a menores de idade, com as consequências nefastas para a normalidade do desenvolvimento da sexualidade humana?

Em relação ao Naturismo, o antagonismo de fundo permanece, e terá a ver, em minha opinião, com a educação ancestral, judaico-cristã, em que "toda a nudez será castigada", permanecendo esta como manifestação tabú, associada ao "pecado original" dum passado figurativo e, certamente, mal interpretado e pior explicado, e à confusão com práticas sexuais colectivas que nada têm a ver com a prática do Naturismo.

Por isso, uma divulgação assertiva, aberta e participada do Naturismo é a chave para melhorar a compreensão e aceitação da nossa nudez. Os naturistas, que assumem a tolerância, e se apontam como exemplos da ausência de preconceitos relacionados com o corpo, não promovem valores indecorosos contrários à dignidade humana e à igualdade de géneros. Bem pelo contrário, estão convictos que os princípios com que se identificam, e a prática que abraçaram promovem uma elevação psico-social, culturalmente ancorada em valores de respeito por si próprios, pelos outros e, também, pelo meio ambiente, num mundo cada vez mais assolado pelas tragédias ambientais, dos quais o Homem é o principal responsável e acabará por ser mais uma vítima.

Por isso, os naturistas devem assumir-se como parte de um movimento de raiz familiar, com princípios promotores de uma educação cívica e ambiental apurada, em que os valores humanistas universais estão sempre presentes.

A postura naturista, vivida na sua prática da nudez colectiva e pública, nada tem a ver com a provocação sexista e é, naturalmente, desacompanhada de qualquer atitude susceptível de provocar escândalo.

Ao contrário do que os nossos detractores parecem querer indiciar, atitudes social e colectivamente condenáveis aparecem em todas as praias e lugares. Essas ocorrências são transversais na sociedade e deverão ser tratadas por quem de direito, no âmbito das leis gerais aplicáveis e não como sendo uma manifestação que ocorre, especialmente, nas zonas naturistas e muito menos, entre naturistas.

Bem pelo contrário, atendendo aos benefícios psico-sociais que o Naturismo promove, serão potencialmente as pessoas não naturistas que mais poderão "sofrer" de obsessões, traumas, complexos e uma curiosidade compulsiva face à nudez e em especial pelos genitais.

O voyerismo e, sobretudo, o exibicionismo sexual são potencialmente resultantes de uma deficiente educação, e constituem-se como resultantes da incapacidade educacional, evolutiva e normalizadora, da relação do género humano com o seu corpo e a sua sexualidade.

O Naturismo na sua expressão de nudez, é claramente educativo e promotor de auto-estima; todos nascemos nus e iguais entre géneros, e é precisamente na nudez que podemos "certificar" essa realidade maior da Natureza em que as diferenças se confirmam na igualdade.

Sabemos que a sua aceitação é uma batalha longa e difícil, mas queremos acreditar na maioria civilizacional que um dia a sociedade, e em particular a portuguesa, saberá assumir como um legado historicamente ligado aos movimentos naturistas.

Fazer parte desse movimento deve constituir um orgulho para todos os que se sentem identificados com os seus princípios. Não nos devemos envergonhar da nossa "superioridade" moral e psíquica, da nossa liberdade de assumirmos a nossa génese e de transmitirmos essas convicções aos nossos filhos, semeando a dignidade da nossa postura e a serenidade e a justeza dos valores de respeito global que lhe estão associados.

Abrir no nosso dia a dia, uma janela para o exterior, divulgando o Naturismo e todas as suas envolventes, é contribuir decisivamente para o êxito da "nossa" revolução, naturalmente pacífica e tolerante, mas actuante na mudança das mentalidades e firme no rumo a um futuro mais digno para todos.

O Movimento Naturista Associativo precisa de todos os naturistas para ganhar esta batalha. A consciência que só uma FPN fortalecida por todos, na diversidade das suas componentes orgânicas, poderá contribuir para essa vitória, constitui a primeira das mudanças de mentalidade que se impõe, neste caso, aos próprios naturistas portugueses. Reforçá-la, associando-se, é para todos um imperativo. Contamos convosco.

Por fim, desejo a todos os naturistas Boas Festas e um Feliz, Próspero e Naturista Ano Novo.

**Laurindo Correia**